

ESPAÇOS URBANOS PARA VIVER E CONVIVER

ESPACIOS URBANOS PARA VIVIR Y SOCIALIZAR

URBAN SPACES TO LIVE AND SOCIALIZE

MACEDO, ADILSON C.

Arquiteto-Professor Doutor, Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo, FAUUSP. E-mail: Adilsoncm2@gmail.com

RESUMO

Tenho ideias como um cidadão-arquiteto e às vezes elas chegam à realidade. Este poderia ser o subtítulo deste ensaio. O plano, o projeto urbano, o projeto de arquitetura, associados a procedimentos adequados de implementação viabilizam ideias. Como profissional, desejo que tudo aconteça e trago exemplos de como espaços resultantes de um bom entendimento da realidade podem se tornar lugares para pessoas. Meu trabalho profissional se modificou desde quando percebi que os requisitos do cliente não podem ser respondidos abstratamente. Por exemplo, inventar artifícios para justificar a resolução do programa do cliente em um bloco único ou concebido como um objeto de arte. Participei de projetos com programas de implantação complexos e daí procurei entender como as pessoas e coisas se deslocam, podem organizar o espaço comum e ter gosto pelo refúgio privado. Enveredei-me para o projeto urbano, desde a teoria e o interesse para caminhar por trechos da cidade. Considerar o estudo dos espaços por partes, diferenciar os caminhos, os lugares de permanência, preservar o verde e a água. Vou mostrar os elementos necessários para facilitar o estudo da forma e projetar a cidade, o que tem sido muito da minha história.

PALAVRAS-CHAVE: projeto de arquitetura; setores; distritos; cidades; projeto urbano.

RESUMEN

Tengo ideas como arquitecto y a veces llegan a buen puerto. Este podría ser el subtítulo de este ensayo. El plan, el proyecto urbano, el proyecto arquitectónico, asociados a procedimientos de ejecución adecuados, viabilizan las ideas. Como profesional quiero que todo pase y pongo ejemplos de cómo los espacios resultantes de una buena comprensión de la realidad pueden convertirse en lugares para las personas. Mi trabajo profesional ha cambiado desde que me di cuenta de que los requisitos de los clientes no pueden responderse de manera abstracta. Por ejemplo, inventar dispositivos para justificar la resolución del programa del cliente en un solo bloque o concebirlo como un objeto de arte. Participé en proyectos con programas de implementación complejos y luego traté de comprender cómo se mueven las personas y las cosas, puedo organizar el espacio común y tener gusto por un refugio privado. Me embarqué en el diseño urbano, desde la teoría y el interés por caminar por zonas de la ciudad. Considere estudiar los espacios por partes, diferenciando caminos, lugares para quedarse, preservando el verde y el agua. Mostraré los elementos necesarios para facilitar el estudio de la forma y diseño de la ciudad, que ha sido gran parte de mi historia.

PALABRAS CLAVE: diseño arquitectónico; sectores; distritos; ciudades. diseño urbano.

ABSTRACT

I have ideas like a citizen-architect and sometimes they come to reality. This could be the subtitle of this essay. The plan, the urban project, the architectural project, associated with appropriate implementation procedures, make ideas viable. As a professional, I want everything to happen, and I bring examples of how spaces resulting from a good understanding of reality can become places for people. My professional work has changed since I realized that client requirements cannot be answered abstractly. For example, inventing devices to justify solving the client's program in a single block or conceived as an art object. I participated in projects with complex implementation programs and then I tried to understand how people and things move, can organize common space, and have a taste for a private refuge. I embarked on urban design, from the theory and interest in walking through parts of the city. Consider studying spaces in parts, differentiating paths, places to stay, preserving greenery and water. I will show the elements necessary to facilitate the study of form and design of the city, which has been a lot of my history.

KEYWORDS: architectural design, sectors, districts, cities, urban design.

Recebido em: 02/07/2024

Aceito em: 02/12/2024

1 INTRODUÇÃO

Interessa-me a trama que define o traçado de cidades, as construções existentes ou em andamento, imagino espaços para se tornarem lugares. Isto veio aos poucos, desde o início dos anos 1980, quando experimentei fazer o projeto de uma construção escolar rompendo os cânones que adotava oriundos da Escola Paulista. Ou seja, deixei de projetar espaços delimitados por uma caixa de concreto armado e tratei de aplicar princípios que envolviam explorar livremente o programa de necessidades, com respeito à distinção das partes do conjunto, as passagens, espaços abertos intermediários, implantação no terreno, sua provável volumetria. Passei a me interessar pelos tecidos urbanos e seus elementos constitutivos, vias que atravessam, distribuem, locais, tipos de organização espacial, áreas de vizinhança, formato das quadras, associações entre elas e a teoria sobre a forma da cidade e região. Consultei autores, fui aluno do programa de *urban design* em universidade estrangeira e sigo procurando pensar as interfaces de espaços menores com o todo da cidade.

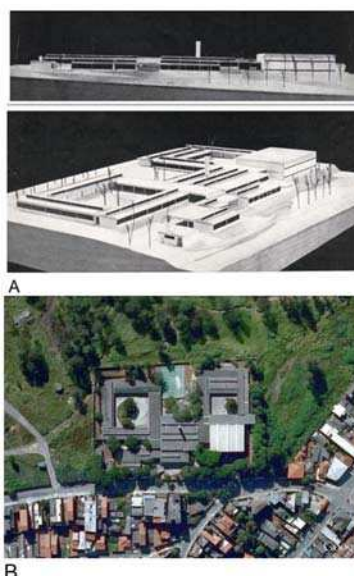
Reuni tópicos sobre assuntos correlatos para explicar a sequência de pensamento deste cidadão, arquiteto-professor:

1. 'O edifício como entidade isolada'. Decorrente de necessidades das pessoas, características físicas do local, o lote de terreno para inserção de um prédio, relações com a vizinhança, estudo das partes impostas pelo programa de necessidades, agrupamento de espaços para atividades afins, os corredores de circulação de pessoas e coisas.
2. 'As edificações em conjunto'. Projeto em sítios urbanos, necessidades complexas e o entorno, face ocupações vizinhas. Vias públicas e formas de ocupação de parcelas diversificadas. A persistência da cidade-jardim, no imaginário do projeto urbano contemporâneo
3. 'Sobre os conceitos de subárea e área de vizinhança'. Uma ideia para analisar tecidos urbanos do ponto de vista da arquitetura das cidades e regiões. Influenciadores arquitetos e administradores quanto ao tema.
4. 'Comentários finais'. Sobre os conceitos oriundos da vivência do cidadão-arquiteto em olhar com atenção os tecidos urbanos. A ideia de dividir a cidade por partes, através de corredores e subáreas, A área protegida e sua relação com o conceito de cidade-jardim.
6. Referencias.

Este ensaio segue na sequência de anteriores. Penso, escrevo e público devagarzinho, com o propósito de promover o que pode ser a atividade de projeto urbano no Brasil. São escritos no formato de ensaio para a Revista *Projetar, Projeto e Percepção do Ambiente*, periódico cujo título aponta na direção do caminho a percorrer por profissionais e estudantes interessados em idealizar, projetar e construir espaços para serem ocupados por pessoas.

2 O EDIFÍCIO COMO ENTIDADE ISOLADA

Tomo como exemplo de mudança a interpretação do programa de necessidades e princípios para organizar espaços, o projeto para a Escola Estadual Brigadeiro Gavião Peixoto, construída no distrito de Perus, São Paulo, nos anos mil novecentos e setenta (Figura 1).

Figura 1- Escola Estadual Brigadeiro Gavião Peixoto, Perus, São Paulo, SP, 1970, 5.800,00m².

Fonte: A, maquete, arquivo do autor. B, Google Earth Pro.

Depois, veio a oportunidade de trabalhar com projetos maiores em Brasília, onde diante à complexidade dos programas, aprimorei o princípio de que o sistema de circulação atrai atividades de uso comum e espaços de distribuição, articulados a outros mais reservados localizados adiante. Desta maneira, articulado ao sistema de circulação geral devem se localizar as dependências de apoio, salas de interesse coletivo, sanitários, depósitos, escadas e elevadores. Alguns trechos térreos, outros com dois ou mais pavimentos. Nas junções do sistema de circulação com os corredores o espaço se alarga. Torna-se mais generoso para favorecer as atividades de apoio e de contatos informais entre pessoas. Daí amadureceu a ideia de pensar sobre os sistemas abertos de espaços, entremeados por pontos informais de parada e o verde; inspirado pelo clima ameno de Brasília. Entre as edificações projetadas com parceiros, professores e colegas funcionários do CEPLAN - órgão criado quando da inauguração da universidade - sobressaem dois projetos; um para a área de tecnologia e outro para as ciências da saúde. São referências na sequência de projetos baseada no conceito de corredores e subáreas e tomo por exemplo, os espaços projetados para tecnologia.

Os espaços intermediários propostos para o Edifício da Faculdade de Tecnologia da Universidade de Brasília, Campus Darcy Ribeiro, foram tratados por um bom paisagismo. Observem, na foto aérea (Figura 2), os laboratórios grandes e o estacionamento de visitantes, cujo acesso se faz por uma 'via que atravessa' a cidade e marca uma das divisas do campus universitário. Também, a configuração dos espaços das salas de aula e administração da faculdade separadas por pátios abertos.

Figura 2 - Blocos de sala de aula, administração e laboratórios grandes Faculdade de Tecnologia, UnB, 1976



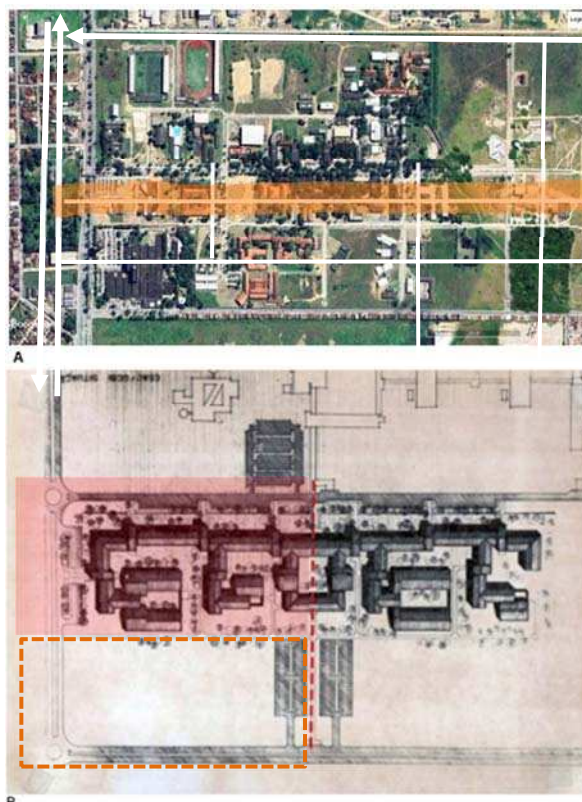
Fonte: Google Earth Pro. Julho de 2023.

Destaco a importância que tiveram para mim os projetos de edificações construídas no Campus Darcy Ribeiro, através de convênio entre a UnB e o Banco Interamericano de Desenvolvimento, BID, em programa destinado ao fomento das instituições de ensino superior brasileiras. Estes projetos levaram-me a convite para projetar em outros estados do país. Cada trabalho tinha início pela elaboração do programa de necessidades a ser aprovado pelos consultores internacionais do BID, depois o anteprojeto e o custo estimado para a construção. Participar deste processo foi a minha estreia no trabalho multidisciplinar, desde o programa, com o objetivo de chegar a um bom projeto e a previsão do custo para executar a obra.

Professor no campo de projeto de edificações, embarafustei-me no estudar autores internacionais - sobre a imagem da cidade e morfologia urbana e prossegui com o hábito de caminhar olhando os elementos urbanos, refletir sobre qual foi a ideia inspiradora para a construção daquele lugar, pensar sobre a razão que a inspirou e a maneira de construir. Mais seguro na teoria, passei a estimular os alunos pelos estudos relativos à forma das cidades, o apoio de novos projetos e trabalhos de pesquisa ligadas ao projeto urbano. Como um cidadão-arquiteto, prossegui curioso, estudando os elementos urbanos, os traçados tradicionais e contemporâneos, longe de considerar-me um planejador urbano, apesar da admiração e respeito pelo trabalho que eles desenvolvem. Neste período, o fazer da arquitetura e o curso de *urban design*, dois anos, EUA, diploma de mestre, desenvolveram base conceitual direcionando-me ao projeto urbano como disciplina. Para melhor mostrar este trajeto, vou destacar outros dois projetos no tema campus universitário. Foram para a Universidade Federal de Alagoas, UFAL, em Maceió e, para a Universidade Federal de Sergipe, UFS, em Aracaju.

Em Alagoas, aprendi bastante ao projetar o edifício da Reitoria e o Centro de Ciências Biológicas e da Saúde, CCBS (1984), localizados próximos. Fui levado a pensar no arruamento existente como fato ordenador das construções. A gleba do campus perpendicular a via principal de acesso (artéria importante da cidade) sugeriu aos responsáveis por sua implantação inicial uma rede perpendicular à via da cidade (Figura 3). Isto influenciou na implantação adotada para cada um dos projetos. Ressalto na figura o acesso principal do campus - da esquerda para direita - passando pelo prédio da Reitoria, bloco retangular com pátio interno e distante uma quadra do CCBS - figura 3A. A implantação inicial do CCBS - figura 3B - mostra a ampliação que aconteceu mais tarde, acerca de 2010 onde os arquitetos optaram por situá-la abaixo do conjunto existente, conforme mostra a figura 3A.

Figura 3 - Campus A. C. Simoes, Maceio, Reitoria e CCBS.

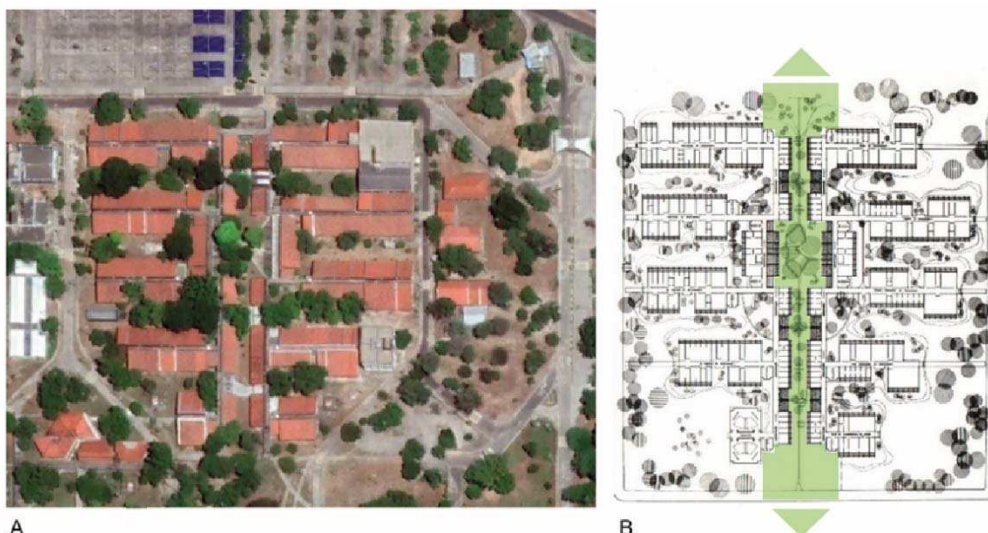


Fonte: Google Earth e diagrama do autor

A implantação dos prédios da Reitoria e do CCBS me chamaram atenção sobre a qualidade ambiental que pode oferecer o traçado clássico em malha adotado para o plano do campus e a importância do corredor visual criado pelo recuo dos prédios nas vias principais. Em particular a arborização em todo o seu trajeto, a beleza dos renques de árvores, no caso deste campus ainda para ser valorizada. Observe-se na foto - figura 3A - que apenas na via de acesso ao campus onde fica Reitoria (prédio retangular com pátio interno, a esquerda) o renque de árvores comparece de modo mais generoso. Abaixo onde se situa o CCBS, aparecem poucas árvores na faixa defronte, que em 1984 pensamos como um extenso boulevard.

Logo depois de Alagoas trabalhei em Aracaju, Sergipe, SE, projeto para dois prédios da universidade federal, em terrenos vizinhos e com finalidades distintas; um destinado ao ensino de tecnologia e outro para biologia e ciências da saúde. Serem vizinhos e a divisa entre eles ficar na direção da área central do campus e de um grande pátio de estacionamento, inspirou a ideia de implantar uma passagem de pedestres entre o terreno da Tecnologia e o da Saúde. Um percurso aberto para todos entre as duas entidades de ensino, cuja ideia foi bem aceita pelos interessados. Significou facilitar o contato entre pessoas de diferentes formações, relacionamento informal, arborização, além da preocupação com a economia na construção. Tais premissas foram inspiração para a solução de projeto encontrada, a via de pedestres bem arborizada e acolhedora, com a inserção de uma praça a meio caminho. As fachadas dos prédios voltadas para a Praça e por sua localização destinados a administração central de cada setor de ensino foram dotadas com um pergolado, como extensão do balanço dos beirais-tipo do conjunto construído (Figura 4).

Figura 4: Prédios para área da saúde e de tecnologia, no Campus da FS em Aracaju.



Fonte: Google Earth Pro, 25.12.2023 e desenho do autor, 1979.

A passagem de pedestres utilizou uma faixa estreita do terreno de cada lado. Ressalto a importância da visão de conjunto inspiradora para orientar a implantação das edificações. O mais foi projetar a passagem pública entre as duas glebas e como a distância para percorrer a pé passava de duzentos metros foi proposta uma praça ao longo do percurso, para aí se implantar o setor de administração de cada área de ensino. Os prédios ficaram separados, mas, integrados através da passagem arborizada central e a praça de convivência. As dependências com a finalidade de atendimento geral para alunos, professores, funcionários e visitantes ficaram no correr da via local de pedestres onde acontece o encontro informal, o convívio entre pessoas. Nos blocos paralelos, perpendiculares a via de conexão, se encontra recolhimento para atividades do cotidiano de trabalho. A inspiração para este projeto veio da observação do espaço existente e não de uma ideia preconcebida para a volumetria de cada um dos prédios.

Insisto em mostrar como conceber a articulação dos espaços internos das edificações em relação aos externos, experimentada em projetos para edifícios. Os percursos e pontos de permanência, como ideia experimentada me levou aplicá-la ao espaço urbano. Devagar me familiarizei com traçados de cidades através do que batizei de corredores e subáreas. Consultando teoria de planejamento, particularmente para

projeto urbano e observando cidades adquiri segurança para compreender a estrutura urbana segundo a ótica de arquiteto-deseñador. A base veio dos programas para edifícios e projetos anteriores mostrados como introdução ao tema 'espaços urbanos para viver e conviver'. Trata-se da concepção do espaço urbano como arquitetura da cidade - os percursos, pontos de maior permanência, o entremeio com áreas verdes e reservas ambientais.

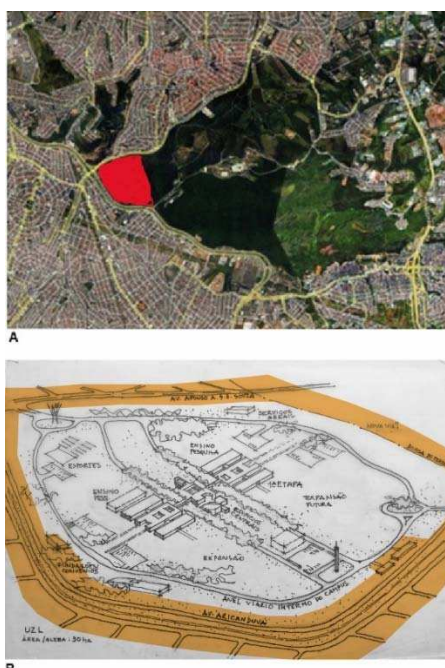
Nas cidades, existem espaços bons para a vida das pessoas em ambiente satisfatório, outros razoáveis e outros inadequados para viver com dignidade. Espaços poderiam ser melhorados e na medida que passem acolher bem as pessoas eles poderiam ser chamados lugares. Tudo depende da iniciativa, da vontade de fazer, de querer acertar. Da minha parte, sendo um arquiteto-deseñador e professor, morador do município de São Paulo, tenho ideias e às vezes elas vão a prática. Sinto a responsabilidade de apoiar iniciativas para transformar espaços tanto aqui e como em outros lugares. Meus parceiros são profissionais das áreas de planejamento urbano, paisagismo, engenharia, administração e aqueles responsáveis pela implementação de projetos.

3 AS EDIFICACOES EM CONJUNTO

Penso sobre a forma física de cidades e a região como um espaço físico. Qual seja sua dimensão o projeto decorre do estudo dos movimentos, das áreas de parada das pessoas e suas coisas, do espaço aberto para lazer ou reserva. Ideias de fundo que refletem o dito popular, 'tamanho não é documento', pois o estudo pode ser realizado desde uma área metropolitana até um trecho pequeno da malha urbana. Consegui base teórica e prática através dos arquitetos-professores Kevin Lynch, Aldo Rossi, Jonathan Barnett, John Habraken, Joaquim Guedes, Peter Calthorpe, León Krier e bastante aprendi com meus colegas de trabalho nas discussões do dia a dia, fora certo aprendizado trazido de outras áreas do conhecimento. Vou procurar explicar como fui levado da prática projetual de edifícios isolados para a cidade, destacando de início o estudo para implantação do campus da Universidade da Zona UZL, município de São Paulo.

Localizada na área de preservação ambiental, APA, Parque do Carmo, do total de 870ha o trecho de 30ha era destinado a ocupação por instituições de interesse público, no caso a UZL. Para elaborar o plano de implantação da nova da universidade, foi contratada a Fundação Getúlio Vargas, FGV e meu escritório que trabalhou junto com eles para desenvolver um estudo preliminar de implantação física. O plano não foi adiante no Parque do Carmo e acertadamente se decidiu utilizar um imóvel tombado da Zona Leste transformando-o para ser o embrião da universidade. O projeto continuou por um escritório de arquitetura especializado em patrimônio histórico. O relatório final do trabalho da FGV com o meu escritório, foi enviado para o arquivo da Secretaria Municipal de Educação (Locum, 1995).

Figura 5 – APA do Carmo e a Gleba para a UZL.



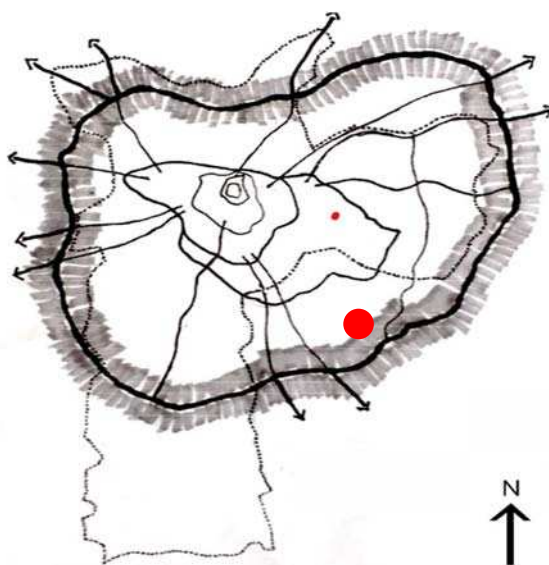
Fonte: Google Earth Pro dezembro 2023 e diagrama do auto.

No estudo da universidade no Parque do Carmo, a ideia para configurar o campus veio do conhecimento que havia experimentado antes, relativo aos percursos e locais de parada. A questão nova foi como ocupar a gleba de 30ha no Parque do Carmo, ou, idealizar um ambiente de vizinhança para a universidade. O espaço delimitado por duas 'vias que atravessam' e a linha de divisa com a área específica do parque apontaram para implantação da terceira via que atravessa no correr da divisa entre universidade e parque, figura 5A. Opção de interesse comum para o público do parque e universidade, vir a ser objeto de projeto abrangendo a via e as praças de chegada aos portões de acesso. A distribuição dos movimentos na área da universidade deveria contar com vias de distribuição e vias locais. Destas ideias foi organizado o espaço do campus universitário, onde aproveitei da experiência com os trabalhos anteriores (Figura 5).

Foi a oportunidade para idealizar um campus por inteiro, diferente de quando fazia projetos para edifícios em locais previamente definidos por um plano existente. Ensaiei na direção do projeto para espaços grandes e destaco ser importante a identificação de tipos de movimento na cidade e região. Pensar sobre as vias que atravessam, vias que distribuem e vias locais, são procedimento de auxílio para bem entender a trama geral de circulação, figura 5B. O estudo de uma cidade ou parte dela a partir dos corredores e subáreas tem a ver com a ideia de unidade de vizinhança. Como ela evoluiu desde os primórdios do Urbanismo Moderno, onde cidadãos como Ebenezer Howard - acerca de 1910 - e depois Clarence Perry - 1929 trabalharam com o conceito de 'unidade de vizinhança' e, vale referência a trabalhos mais recentes de urbanismo sustentável, desenvolvidos pelo arquiteto Douglas Faar (Faar, 2008).

A figura 5B, na gleba destinada ao campus da universidade, mostra o sistema das vias que atravessam a cidade e a linha de divisa com o todo do parque. Por aí, foi prevista a abertura de uma terceira via que atravessa acompanhando a linha de divisa. Ela contornaria o campus estabelecendo um espaço linear para receber novos acessos e para o Parque. Uma via interna acompanhando o anel determinaria uma faixa e transição entre o campus e a cidade. A figura 5B, gleba destinada ao campus da universidade, mostra o sistema de vias que atravessam a cidade e uma via que distribui contornando o campus e delimitando uma faixa idealizada para receber edificações isoladas para atenderem programas de entidades externas com interesse de construir no campus ou mesmo edificações subsidiárias da universidade, todas sem comprometer a ideia de cinturão verde ao redor do campus. Vias locais devem fazer o acesso aos prédios. Foi pensado para o anel um percurso bem arborizado envolvendo o campus. Deste anel com uso misto as atividades seriam espraiadas até os prédios destinados para as atividades de ensino e pesquisa. A faixa de terra entre as vias que atravessam pertencentes a cidade e o anel interno de distribuição pode ser entendida como uma zona de amortecimento ou transição, *buffer zone* dos colegas anglo-americanos. Deverá haver maior detalhamento para este anel intermediário de apoio sem comprometer a ideia de cinturão verde ao redor do campus. Vias de distribuição e locais deveriam fazer o acesso aos pontos de interesse. Assim iniciei uma maneira de estudar e projetar, procurei aperfeiçoá-la e depois publiquei o e-book 'Corredores e subáreas, como estudar a forma e projetar a cidade' (Macedo, 2002).

Figura 6 – diagrama da região metropolitana da cidade de São Paulo.



Fonte: Diagrama do autor, 2014.

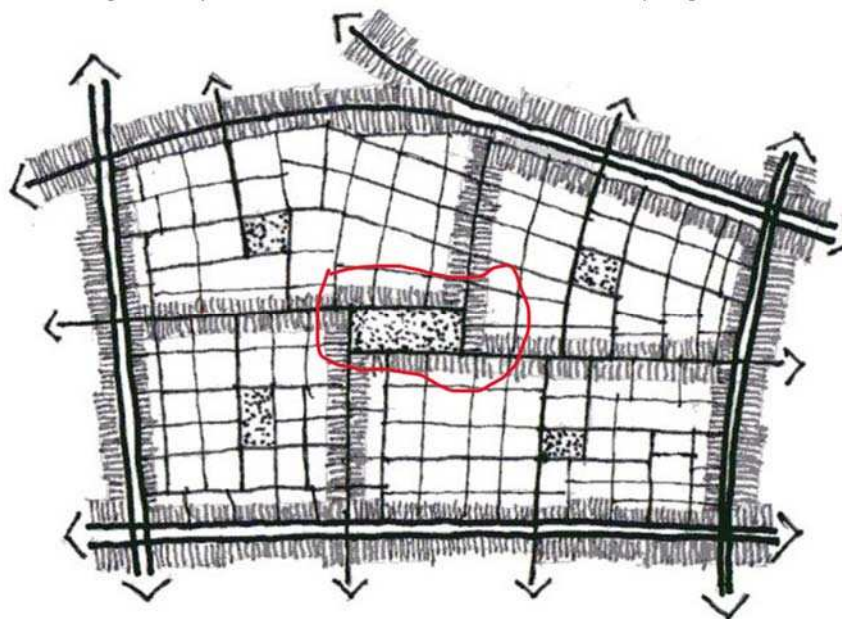
O entendimento da região pela maneira de Calthorpe, relaciona-se ao ideário de 'tamanho não é documento' e ao entendimento do espaço por corredores e subáreas. Considero que os *centers*, *districts* e *preserves* ficam na categoria genérica de 'subárea', articuladas pelos *corridors* segundo Calthorpe. Estes conceitos ampliam minha ideia de corredores e subáreas, servem para localizar possíveis projetos em São Paulo, no caso da UZL - Parque do Carmo as duas glebas apareceriam como uma subárea – assinalada por um ponto vermelho mostrado no diagrama do rodoanel de São Paulo (Figura 6). Nesta figura, destaco o corredor que atravessa ou faz o contorno externo do rodoanel viário e a faixa de grandes equipamentos que atrai. Um exemplo, a Companhia de Entrepósitos e Armazéns Gerais de São Paulo, CEAGESP, da qual se fala passar a parte pesada para o rodoanel.

4 SOBRE OS CONCEITOS DE SUBAREA E AREA DE VIZINHANÇA

Identifico como 'espaço' a superfície de solo livre de atividades das pessoas, rural ou urbano e, estendo a definição para uma construção nova ainda não apropriada pelas pessoas. Quando estiver ocupado o espaço poderá assumir a categoria de 'lugar'. Existem bons e maus lugares. Um prédio recém-construído não deixa de ser um 'espaço' vazio', quando ocupado passa a ser um lugar. Quanto ao edifício a ser entregue, a esperança de todos gira em torno de que se torne um lugar agradável e sugestivo, pois, com dito, existem bons e maus lugares. Daí a importância de distinguir 'espaço' de 'lugar'. Neste sentido, interessam-me as proposições para transformar os espaços, o inventar de projetos para que um espaço se transforme em lugar.

Uma cidade considerada atrativa apresenta certa quantidade de bons lugares. Grande ou pequena a cidade pode ter lugares acolhedores, inclusive em bairros afastados do centro. Penso sobre tais propósitos usando procedimentos relativos ao estudo da forma urbana e do projeto de arquitetura. Considero também que o projeto necessita da visão multidisciplinar e de procedimentos próprios para sua implementação, mas, não os levarei em consideração neste ensaio para não complicar o tema central, relativo à forma dos elementos urbanos e o projeto.

Figura 7 – Tipos de vias e subdivisões de um setor como 'área protegida'.



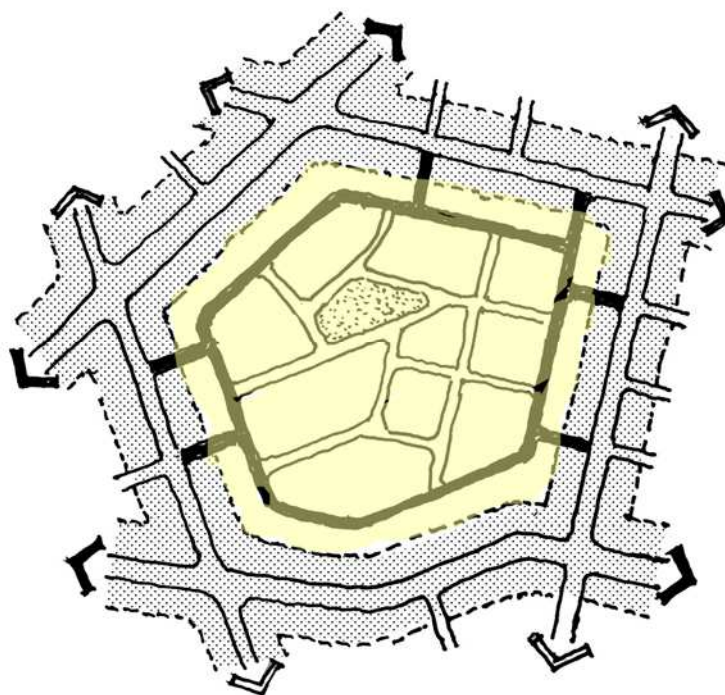
Fonte: Diagrama do autor, 2091.

O diagrama - figura 7 - mostra uma situação idealizada para um setor urbano, exemplo que pode parecer com algo conhecido ou configurado por ajustes, caso o traçado inicial facilite a transformação. Na cidade de São Paulo existem trechos extensos com quadras em trama ortogonal. O diagrama regular da figura evoca um distrito com o 'centro do bairro' como popularmente se chama e quatro trechos de vizinhança com suas pracinhas de convívio. Vias que atravessam delineiam o perímetro e se fosse realidade poderia ser classificado por distrito de uma cidade grande. Pela classificação que costumo usar, seria também um distrito definido pelos 'corredores que atravessam' que ligam esta parte com o todo da cidade. Os corredores se entendem pelos canais de circulação e incluem os lotes com suas edificações lindeiras, modo geral onde o

uso misto aparece forte. Determinam um distrito ou subdistrito conforme sua área de abrangência. 'Vias de distribuição' cruzam ou partem das 'vias que atravessam' para configurar a circulação interna e levam comércio e serviços de menor intensidade a praça central; se for grande suficiente, a praça poderá conter um edifício de interesse coletivo que ocupe em projeção horizontal não mais que vinte e cinco por cento do espaço, ser um 'ponto de referência'. No diagrama, a praça se apresenta ladeada por atividades de comércio e serviços, habitação e institucionais, ela representa um subcentro da cidade. Na situação idealizada aparecem quatro áreas de vizinhança com suas praças, comércio, serviços (incluindo pequenas instalações industriais) e instituições de escala local. São os centros de bairro, das áreas de vizinhança ou, *neighborhoods*, lembrando as cidades-jardim. Corredores representados por 'vias que atravessam' e 'vias que distribuem' os movimentos para as 'vias locais' subdividem a cidade em distritos. Em São Paulo e noutras cidades brasileiras (Figura 7).

Visualizar um conglomerado de quadras e centralidades, estimula a ideia para projetos novos. Veja a figura 7, onde o sistema de vias que atravessam e delimitam um espaço, sugere a ideia para se chegar a uma 'área protegida', definida por vias de contorno que atravessam e tem acesso por pontos sinalizados de onde se pode ir através de vias de distribuição até a praça central da área protegida. Elas irão encontrar um anel envoltório paralelo as vias que atravessam, percurso interior onde o trânsito se faz mais ameno. Forma-se uma faixa de amortecimento (*buffer zone*) isolando o miolo, ainda de uso misto (destacado em amarelo), através do anel interno que pode servir para entrada de serviço a supermercados e lojas de porte, voltadas das tanto para a via externa que atravessa quanto para a via interna. Como um todo configura-se o que pode ser difícil, não impossível de configurar, uma 'área protegida', boa para uso misto de predominância residencial no tecido existente, incluindo atrativos recantos verdes (Figura 8).

Figura 8 – Área protegida, ilustração para o conceito.



Fonte: Diagrama elaborado pelo autor, setembro 1998.

Considerando uma situação em que fosse possível definir o percurso interno de apoio para as vias que atravessam - destacado em preto – o lugar poderia ser chamado de 'área protegida'. O anel interno de distribuição tem importância para o acesso as quadras e forma um contorno que separa o uso do solo mais intenso dos corredores que atravessam associados as vias principais, destacado em pontilhado na figura 8. Os acessos marcados nas vias que atravessam uma área protegida devem apresentar portais bem-marcados, comunicação visual adequada, um bom paisagismo e facilidade de percurso a pé na direção do espaço central; modo ideal de se chegar à praça central da vizinhança. Sobre a praça, o melhor é lembrar de um trecho escrito pela arquiteta-professora Vivian Ecker.

Em muitas cidades, a praça proporciona uma ruptura no tecido urbano, configurando um ponto nodal, para as práticas de sociabilidade. Devido ao seu caráter integrativo, ela define-se como um espaço de convergência e centralidade, que tende a concentrar usos, funções e atividades, e a exercer o papel de centralidade urbana. Por sua importância, é considerada um espaço referencial...

Acredita-se que as praças, enquanto *locus* da sociabilidade, constituem espaços referenciais para a qualidade de vida dos habitantes das cidades. Nelas, a presença de elementos naturais, ou da direta relação entre eles e o ambiente construído, qualificam o ambiente urbano, não só do ponto de vista de seu desempenho ambiental, mas também do benefício psicológico que promovem. (Ecker, 2020, sp.).

O artigo de autoria da arquiteta Ecker apoiado por pesquisa sobre escritos de diversos autores abrange conceitos fundamentais sobre os elementos urbanos circunstanciados a praça, como um lugar referencial da cidade, nos tecidos urbanos tradicionais particularmente. Sua questão de fundo fornece fundamentos para o desenvolvimento de projetos urbanos, meu objeto de estudo e trabalho profissional. Acredito que o conhecimento do existente abre portas para a invenção de novos espaços, que se transformem em ambientes abertos ou construídos, para acolherem as pessoas.

Figura 9 - Area protegida em Artur Alvim, Zona Leste, São Paulo.



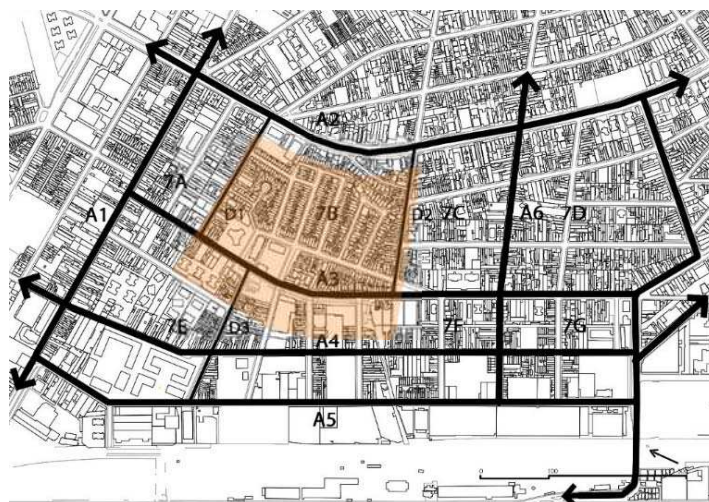
Fonte: Google Earth Pro diagrama do autor, 2015.

A figura 9 apresenta um trecho do distrito de Ferraz de Vasconcelos, na Zona Leste de São Paulo, do qual tomei conhecimento pouco após ter elaborado o diagrama da figura 8. Fiquei bem satisfeito! Implantado em relevo de colina o tecido urbano aparece como candidato para ser uma área protegida, devido a configuração do viário que certamente foi desenhado para melhor aproveitar o relevo local. Observe as vias que atravessam criando o contorno e a via de distribuição interna que acompanha a forma circular e serve para alimentar as vias locais mais curtas, acomodando o conjunto ao terreno. Vias que contornam a área protegida ancoram o conjunto na via principal e fazem com ela um binário como a figura demonstra. Lidar com o potencial de um tecido urbanizado para se tornar uma área protegida, significa antever sua inserção e o potencial para transformação de um trecho delimitado por vias que atravessam.

Exemplifico com um caso que conheço em detalhes e apoia o conceito de área protegida considerando certo tipo presente da urbanização. A antevista para se conseguir uma área protegida na complexidade da malha de muitas cidades não é fácil, mas, se chega perto. Apresento um estudo de caso e peço para ele atenção dos colegas que labutam nas entidades de patrimônio histórico, pois trata-se de oportunidade para incentivar o desenvolvimento de um projeto urbano de qualidade. Localiza-se no distrito da Mooca, município de São Paulo, nele o subsetor 7B, do setor 7, segundo a subdivisão apresentada no e-book 'Corredores e subáreas, como estudar a forma e projetar a cidade', que reúne ideias sobre o que pensamos para estudar a cidade e apoiar projetos urbanos. Procurando estudar o tecido do município de São Paulo por partes, a familiaridade

com o distrito da Mooca, levou-me (junto com parceiros) a identificar subdistritos, setores e subsetores. Muito passeamos por lá, enchafurdamos mapas e procedimentos digitais. A figura 10 mostra um diagrama da subdivisão de um subdistrito da Mooca em setores - o setor 7 nosso interesse de hoje – e destaca-se o setor 7B, objeto do que mostraremos para seguir apresentando o conceito de ‘área protegida’ (Macedo, 2021).

Figura 10 – Subsetores do distrito da Mooca.



Fonte: Autor, 2021.

No subsetor 7B, cuja área é 11,43ha, foi construído o projeto elaborado pelo escritório do engenheiro - urbanista Jorge de Macedo Vieira para o conjunto dos bancários, Banco do Brasil, ocupando cerca de setenta e cinco por cento do total. O arranjo da gleba se baseia na implantação de residências individuais e se inspirou na ideia de cidade jardim, onde o setor residencial deveria ser ‘protegido’ do burburinho citadino através de espaço preenchido por vegetação. Mas, isto não aconteceu no projeto datado dos anos mil novecentos e quarenta, apenas o arruamento seguiu aqueles cânones e foi baseado nos tipos *loop* onde uma via local vai e volta abraçando um renque de lotes vizinhos pelos fundos e, *cul-de-sac*, aonde a circulação vai e volta pela mesma via local. No projeto do conjunto aparece alguns recantos com vegetação, longe do conceito de predominância do verde que caracteriza a cidade-jardim inglesa (Figura 11).

Figura 11 – O conjunto dos bancários localizado no subsetor 7B.



Fonte: Google Earth Pro e diagrama do autor.

Observando a foto aérea na figura 11, comparando-a com o total de espaço ocupado pelo conjunto dos bancários no subsetor 7B, sobressai a verticalização do entorno e o conseqüente adensamento da área. Nota-se que o espaço dos bancários chega até a via que atravessa, localizada ao lado direito da foto, e as demais divisas que seguem contorno irregular dentro dos limites formados pelas vias que atravessam. No subsetor 7B, se faz impossível conseguir o contorno por uma faixa de transição como no diagrama teórico da figura 8, mas, algo próprio para este local poderá se adaptar. Argumento no sentido de que em uma cidade de tecido tradicional brasileira o anel de contorno da 'área protegida' pode se fazer por espaços de uso misto e não ser um anel de vegetação de grande porte, como o das cidades jardim. A área protegida pode também ter sua parte central de uso misto, e isto se adapta a realidade. Hoje em dia uso misto se espalha nas residências do conjunto dos bancários; muitas casas deixaram de ter uso residencial ficando mantidas as restrições exigidas para conservação do bem histórico. Busco explorar a ideia de 'área protegida' por associação a questão da porção de espaço rodeada por uma faixa que será de vegetação quando o sítio se adaptar ao conceito de cidade-jardim, ou, que será definida pelo espaço de edificações pré-existentes. Tratando das similaridades que percebo continuarei com Vieira, engenheiro-urbanista brasileiro que se notabilizou não tanto pelo conjunto dos bancários, construído na cidade de São Paulo, mas, pelo plano e projeto da cidade de Maringá no estado do Paraná.

Vieira foi fortemente influenciado pelo projeto das cidades-jardim da Inglaterra, cuja base está nas ideias de Ebenezer Howard, cidadão-empresendedor inglês, conhecido como um reformador social, envolvido pela ideia de transferir as precárias habitações de Londres para um anel de cidades novas. Construídas distantes aproximadamente trinta quilômetros do centro londrino. Howard conseguiu parceiros para comprar uma gleba de 1.600ha (cerca de dezesseis quilômetros quadrados). Houve um concurso em 1904 para a primeira cidade - Letchworth - e o programa de necessidades para o projeto se baseou no livro escrito por Howard 'A Peaceful Path to Real Reform', de 1898. Revisto pelo autor e publicado novamente em 1902 com o título alterado para 'Gardens cities of to-morrow'. Em todo este processo, não houve interferência da prefeitura de Londres. (Howard, 1966).

Venceu o concurso a equipe do escritório liderado por Raymond Unwin e Barry Parker e a cidade iniciou sua ocupação acerca de 1908. 'Unwin & Parker', foi o escritório de arquitetura, engenharia e *town planning*, encarregado pelo projeto e o acompanhamento da obra, figura 12.

Figura12 – A preocupação com a ideia, o projeto e a obra; Howard, Parker e Unwin.



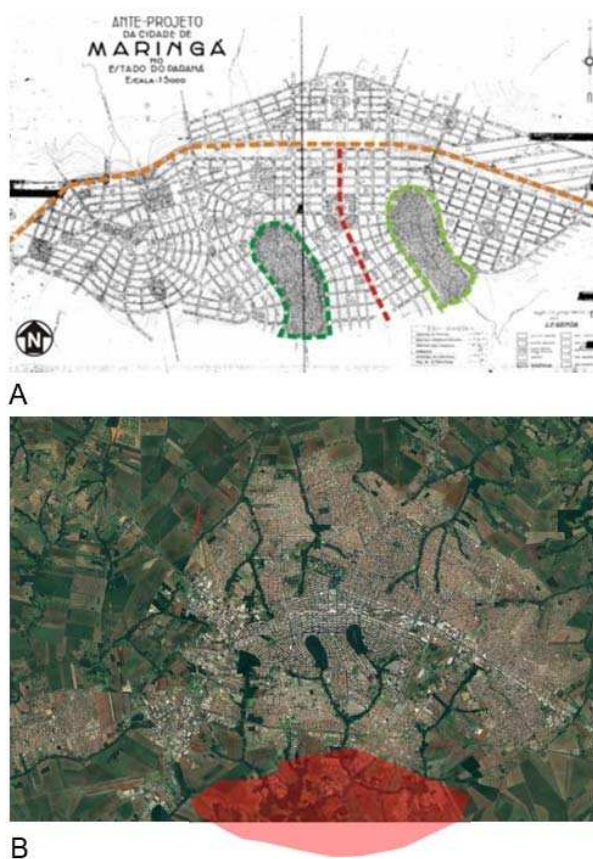
Fonte: Wikipedia, janeiro 2024.

Unwin e Parker trabalharam no Brasil, acerca de 1910 nos projetos para os bairros jardim da cidade de São Paulo, cujo empreendedor foi a "*City of São Paulo Improvements and Freehold Land Company Limited*", firma que posteriormente alterou o nome para Companhia City de Desenvolvimento Ltda. Descrevo estes fatos com a intenção de situar Jorge de Macedo Vieira, interessado e estudioso dos conceitos relativos a cidade-jardim, os quais aplicou no projeto para Maringá, Estado do Paraná, acerca de 1947 e resultou um significativo projeto

construído. Faço lembrar de que nesta época arquitetos-professores da Universidade de São Paulo se entusiasmavam por preceitos do Movimento Moderno de Arquitetura e Urbanismo, figura 13.

A cidade de Maringá foi prevista na etapa de anteprojeto para duzentos mil habitantes e hoje 2024, a população está chegando ao dobro. Apenas uma referência pois a minha preocupação de arquiteto-deseenhador vai para o lado da qualidade dos espaços. Espaços que são lugares em Maringá, onde se conservam as premissas do plano de Vieira. Os parques deverão ser sempre parques (não serão tomados para usos diferentes como aconteceu e acontece em São Paulo) e, os passeios são generosos para os pedestres, figura 14 A e B.

Figura 13 – Cidade de Maringá, 1947 e 2024.



Fonte: Anteprojeto da cidade de Maringá, 1946-47, Wikipedia Commons e Google Earth Pro, 03 12 24, editado pelo autor.

Figura 14 – Maringá e os lugares para pessoas.



Fonte: Fotos do autor, 2019.

Sobre o município de Maringá há um livro importante que explica o projeto e o desenvolvimento do município de Maringá, escrito pela arquiteta-professora Karin Schwabe Meneguetti, da Universidade Federal de Maringá, com o título 'Cidade jardim, cidade sustentável, a estrutura ecológica urbana e a cidade de Maringá' (Meneguetti, 2009).

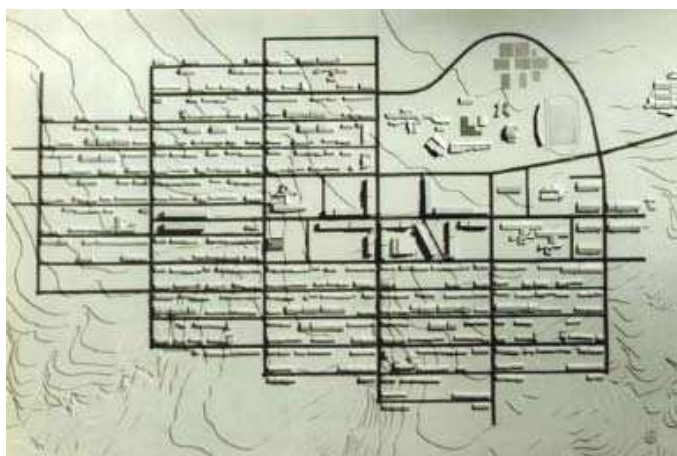
5 A TRAMA REGULAR E O PROJETO DA CIDADE

O projeto do Núcleo Residencial Pilar - situado no município de Jaguarari, distrito de Pilar no estado da Bahia, BR, se chamou inicialmente de Cidade de Caraíba. Seu empreendedor foi a Empresa de Mineração Caraíba SA, com a finalidade de abrigar seus funcionários e famílias. Localiza-se próximo a uma área de mineração de cobre e o projeto para implantação data de 1976, por responsabilidade do escritório Joaquim Guedes & Associados Ltda. A gleba destinada ao núcleo residencial mede cerca de 250ha. Para descrever o anteprojeto onde são colocadas as ideias para se organizar os espaços, cito o texto do colega arquiteto-professor Rogerio Penna Quintanilha.

A cidade está organizada a partir de um sistema de seis pequenas praças setoriais localizadas junto a pré-escolas ou parques infantis, e seis praças centrais distribuídas em uma malha ortogonal que define quadras retangulares de duzentos e setenta e seis metros por sessenta metros. As ruas sofrem um pequeno desvio de quinze graus anti-horários em relação ao norte a fim de melhor aproveitar os ventos de leste e sudeste. A única via curva, a nordeste, define um dos limites do clube. No centro da cidade estão apartamentos e alojamentos, quartos com banheiro compartilhado, em edifícios horizontais de até quatro pavimentos. O pavimento térreo é recuado em relação às fachadas, dando lugar a um passeio sombreado delimitado por uma fileira de pilares cilíndricos. As seis quadras centrais, dispostas em duas fileiras, têm sua largura ampliada em uma vez e meia, criando a avenida central Leste-Oeste que divide a malha original ao meio. As casas foram distribuídas conforme cinco faixas de renda, de N1, a mais alta, a N5, a mais baixa. Embora haja alguma concentração de casas dos tipos N1 e N2 a Sudeste, no restante da cidade todas as quadras contêm casas de diferentes níveis. As casas configuram fachadas contínuas, com portas e janelas diretamente sobre a calçada, pátio interno, e coberta em telhas cerâmicas sobre laje maciça de concreto, e platibanda frontal. No desenho das quadras, há avanços e recuos nas calçadas, que criam pequenos jardins e locais de estar em frente às casas. Existem também pequenas vielas para pedestres no sentido Norte-Sul (Quintanilha, 2015, sp.).

A ideia expressa pelo anteprojeto mostra como poderia se materializar o sistema de grelha baseada nas quadras estreitas e longas em combinação com outras mais largas destinadas para serem o centro do núcleo residencial e para implantação dos prédios públicos. Para as atividades que demandam maior área livre, por exemplo o clube, se reservou uma área extensa.

Figura 15 – Anteprojeto, Plano geral. Escritório Joaquim Guedes, 1976.



Fonte - Site Archdaily Brasil - Escritório J. Guedes.

O projeto finalizado e o início da implantação do Núcleo Residencial Pilar datam de 1976. Hoje, em 2024, são quarenta e oito anos desde o início das obras. Provável cinquenta desde o início do projeto pelo escritório do arquiteto Guedes. Lembro em São Paulo o clima dos anos setenta do século passado, com alguns arquitetos interessados nos projetos em grelha; inclusive eu, jovem recém-formado. Nesta época conheci o livro 'Candilis-Josic- Woods: una década de arquitectura y urbanismo' de autoria de Jurgen Joedicke - primeira edição em 1968. O autor ressaltou a questão da articulação das funções, dos limites dos espaços, da articulação entre volumes e espaços e das relações entre público e privado, com base no trabalho e exemplos da obra destes três arquitetos, JOEDICKE, 1968.

Desde os anos 1970, Joaquim Guedes, era considerado um influente arquiteto-professor e com certeza conhecia o trabalho de Candilis, Josic e Woods. Isto e o clima da discussão de projetos em malha soprado dos europeus tem a ver com a proposição do escritório J. Guedes de São Paulo para o projeto do Núcleo Residencial Pilar. Mostro como está desenvolvido hoje o Núcleo, com destaque para a área prevista pelo anteprojeto de 1976 (Figura 16).

Figura 16 – Núcleo Residencial Pilar, 2024



Fonte: Google Earth Pro, Janeiro 2024. Diagrama autor.

Figura 17– Núcleo Residencial Pilar, 2024



Fonte: Google Earth Pro, Março, 2024. Diagrama autor.

6 COMENTARIOS FINAIS

São Paulo, uma cidade grande, o que não justifica a esdrúxula falta de interesse dos representantes do 'poder público', abertura ou capacidade talvez, para que sejam implantados projetos urbanos como *urban design*. Não é suficiente o plano diretor físico (integrado...), sem haver abertura para ações que cheguem ao projeto de uma área delimitada através de efetiva parceria privado-público. Grande em população e área ocupada, a municipalidade tem recursos financeiros invejáveis e poderia ser gentil com os espaços para as pessoas. A visão rodoviarista persistente desde meados do século passado destruiu espaços verdes importantes (exemplo, o Parque d. Pedro II) e espremeu os pedestres entre as faixas de rolamento para veículos e a divisa frontal dos terrenos, reduzindo 'passeios públicos' que já se faziam estreitos. Os responsáveis pelos planos são especialistas representantes do 'poder público', planejadores responsáveis pela cidade se transformar em uma selva de concreto armado, amistosa para os veículos motorizados com faixas de rolamento alargadas, passagens subterrâneas ou elevadas para o transporte de alta capacidade. Apertadas ciclovias, motos driblando os automóveis, ônibus e caminhões. Foi e representa ainda hoje a supremacia do planejamento urbano e da implacável engenharia de tráfego sobre o projeto urbano, que deveria acompanhar seu desenvolvimento de maneira a conseguir espaços como lugares para as pessoas. Pedestres poderiam ter ambiente em lugares bem desenhados, passeios públicos, praças e parques generosos, como lugares para pessoas e isto não acontece, apenas um que outro ao acaso.

Na postura de arquiteto-cidadão e professor que tomo neste ensaio destaco como migrei da arquitetura das edificações isoladas para o projeto urbano, a arquitetura da cidade. Primeiro, tratei de abrir o prédio para o terreno e para os espaços de interesse coletivo, como nos edifícios universitários em Aracaju. Depois, no projeto para o campus da universidade municipal em São Paulo, através da ideia de projetar um anel de contorno da área central da universidade, como transição entre a cidade e um lugar mais tranquilo. Faixa de amortecimento vegetada, mista, permitindo lugar a construções de apoio, não específicas para o ensino e pesquisa, mas a eles relativas. Boa para prédios de convenio com entidades diversas, residência para alunos, professores e visitantes, comercio e serviços de apoio as atividades fim. Morei por treze anos em Brasília e estava familiarizado com o cinturão arborizado de vinte metros de largura que protege as superquadras. Foi interessante a visita a Milton Keynes, UK, a última da sequência de cidades novas inglesas dos anos 1960 - 70. Nela cinturões verdes existem não apenas nas vizinhanças residências, também em torno dos espaços para comercio e serviço. Todo o tempo em que me desloquei de automóvel por lá, olhava alas arborizadas, incluindo os locais para comercio e serviços, tudo interessante, no entanto um princípio de projeto que em terreno aproximadamente plano favorece certa desorientação, apesar da boa sinalização e paisagem agradável. Ressalto o respeito ao conceito de cidade-jardim em Brasília e Milton Keynes de uma forma mais racionalizada do que foram utilizados nas cidades inspiradas na teoria de Howard no começo do século XX.

Nos tecidos urbanos antigos de quadras em reticula, a configuração em relevo do terreno, a drenagem natural e a furiosa opção pelo traçado das vias principais, para os automóveis, ônibus e transporte de alta capacidade, sem respeitar o existente deu ao tecido urbano da cidade de São Paulo um sentido de pedaços agrupados. Passeando com olhar curioso pela cidade, estudando trechos e ensaiando projetos com os alunos, passei a considerar o estudo da cidade por partes, deixando de lado o planejamento oficial por demais formalizado. Estudar suas partes obtidas da classificação dos movimentos por vias que atravessam, vias que distribuem e vias locais. Com certeza, não cabiam molduras arborizadas, mas, eclodiu a ideia das faixas de uso misto ao redor de um miolo, também de uso misto, apenas mais tranquilas. As vias que atravessam e que distribuem formam os corredores de largura variável dependendo da profundidade dos terrenos lindeiros. Definem setores e subsetores de um distrito do município. Destas formas poligonais as subáreas. Tudo isto explicado no e-book 'Corredores e subáreas, como estudar a forma e projetar a cidade', já citado. Finalmente quero dizer que a proteção pelo verde das cidades foi inspiração para o que hoje apresento como área protegida.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a todos colegas professores e arquitetos da pratica com quem trabalhei, pois eles ajudaram-me desenvolver o ideário relativo aos 'corredores e subáreas' como ferramenta para estudar e projetar os elementos urbanos; sem contar os teóricos que tentei incorporar. Particularmente agradeço ao arquiteto-professor e profissional Gastão Santos Sales pela ajuda com o tratamento gráfico das ilustrações. Lembro dos colegas da Revista Projetar pela qualidade de seu trabalho, influenciando quanto à preocupação de qualidade com meus escritos.

REFERENCIAS

- CALTHORPE, P. FULTON W. **The regional city**. Washington DC: Island Press, 2001.
- ECKER, V. DALL'IGNA. O conceito de praça e a qualidade da paisagem urbana. **Revista Projetar - Projeto e Percepção do Ambiente**, [S. l.], v. 5, n. 1, p. 101–110, 2020.
- FARR, D. **Sustainable Urbanism**. New Jersey. John Wiley & Sons. 2008 (ed. original).
- HABRAKEN, N. John. Cultivating the field: about an attitude when making architecture. **Places Journal** v. 9, Massachusetts Institute of Technology-MIT, 1994
- HOWARD, E. (1902) **Garden cities of tomorrow**, Cambridge, MA, The MIT Press, 1966.
- JOEDICKE, J. **Candilis, Josic, Woods, una década de arquitectura y urbanismo**. Barcelona, Editorial Gustavo Gili. 1968.
- MACEDO, A. C. **Corredores e Subáreas, como estudar a forma e projetar a cidade**. (E-book), Tupã, SP., Associação dos Amigos da Natureza da Alta Paulista (ANAP), 2020 / 2ª edição 2021.
- MENEGUETTI, K. S. **Cidade Jardim, cidade sustentável, a estrutura ecológica urbana e a cidade de Maringá**. Maringá, EdUEM. 2009.
- PERRY, C. (1929) **Plan of New York and environs / the Neighborhood Unit**. London, Routledge- Thoemmes, 1998.
- PREFEITURA MUNICIPAL DE SÃO PAULO (PMSP), Secretaria da Educação. **Projeto da Universidade da Zona Leste, estudo de Viabilidade**. Relatório. Fundação Getúlio Vargas, novembro 1995.
- QUINTANILHA R. P. **Clássicos da Arquitetura: Caraíba / Joaquim Guedes**. **ArchDaily Brasil**, 10 junho 2015. Acessado 25 Jan 2024. <<https://www.archdaily.com.br/br/768316/classicos-da-arquitetura-caraiba-joaquim-guedes>> ISSN 0719-8906.

NOTA DO EDITOR (*): O conteúdo do artigo e as imagens nele publicadas são de responsabilidade do autor.